

# A música popular brasileira na construção do conhecimento em Saúde Pública: o tema processo de trabalho e saúde

José Augusto Pina<sup>(a)</sup>

Pina JA. Brazilian popular music in constructing public health knowledge: the topic of work process and health. *Interface (Botucatu)*. 2014; 18(48):87-100.

This study highlights some topics relating to work and health in Brazilian popular music, especially samba, aiming to present a body of knowledge on the topic of work process and health. In the songs selected, categories were identified as a starting point for a discussion with the literature. With the development of the text, the wealth of folk song can be seen to provide content relating to the multiple dimensions of the work process and health-illness process of workers, including the collective and historical dimension of the struggle for the right to healthcare. This study resulted in placing value on Brazilian popular music as a way of understanding work-health relationships and developing public health knowledge.

**Keywords:** Public Health. Work process and health. Brazilian popular music. Samba.

Este estudo destaca temas relativos ao trabalho e à saúde na música popular brasileira, especialmente no samba. Tem como objetivo apresentar um corpo de conhecimentos sobre o tema processo de trabalho e saúde. Nas canções selecionadas foram identificadas categorias tomadas como ponto de partida para discussão com a literatura. Com o desenvolvimento do texto, percebe-se o manancial da canção popular para proporcionar conteúdos sobre múltiplas dimensões do processo de trabalho e do processo saúde-doença dos trabalhadores, inclusive a dimensão coletiva e histórica da luta pelo direito à saúde. Esta pesquisa resultou na valorização da música popular brasileira como uma forma de se entenderem as relações trabalho-saúde e de se desenvolver conhecimento em Saúde Coletiva.

**Palavras-chave:** Saúde Pública. Processo de trabalho e saúde. Música popular brasileira. Samba.

<sup>(a)</sup> Centro de Estudos da Saúde do Trabalhador e Ecologia Humana, Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca, Fundação Oswaldo Cruz. Rua Leopoldo Bulhões, n. 1480, Manguinhos. Rio de Janeiro, RJ, Brasil. 21041-210. [augusto@ensp.fiocruz.br](mailto:augusto@ensp.fiocruz.br)

## Introdução

Este estudo identifica e analisa alguns temas relativos ao trabalho e a saúde em canções da música popular brasileira. É um dos resultados e desdobramentos do projeto de pesquisa “O trabalho e a saúde na música popular brasileira”<sup>1</sup>.

A música e, num sentido mais amplo, a arte têm sido meios para a discussão, reflexão e aprendizado em diversas áreas do conhecimento<sup>2-5</sup>. Algumas propostas indicam que se pode aprender e ensinar por meio de múltiplas formas de arte: por exemplo, medicina por meio das artes visuais,<sup>6</sup> e enfermagem por meio da canção folclórica<sup>7</sup>. Outra proposta, com base na canção popular (urbana), procede a uma categorização de temas de ciência<sup>8</sup>, em que emergem conteúdos das Ciências da Saúde, em particular da Saúde Coletiva. É no âmbito desta última perspectiva que se situa a pesquisa aqui apresentada: explorar, por meio da música popular brasileira, temas e conteúdos sobre trabalho e saúde relevantes para o conhecimento da Saúde Coletiva/Saúde Pública.

A música popular brasileira constitui uma das mais importantes manifestações artístico-culturais do país: suas canções (verso e música) apreendem uma diversidade de aspectos da vida cotidiana dos trabalhadores, além de, a seu modo, captarem as transformações nas relações econômicas, sociais, políticas e ideológicas. Como registros de acontecimentos históricos e sociais, a música popular brasileira constitui uma importante fonte documental para a produção de conhecimento científico<sup>9</sup>, sobretudo quando se aborda a vida social dos trabalhadores<sup>4</sup>.

Como salienta Carlos Sandroni<sup>10</sup>, música popular brasileira é uma invenção que demarca a música urbana da rural. A música rural ou folclórica é anônima e não mediatizada, transmitida oralmente de geração em geração, enquanto a música popular corresponde à composição urbana, autoral e mediatizada, veiculada, originalmente, por meio do rádio e da gravação em disco<sup>10, 11</sup>.

Neste artigo, privilegamos o samba como gênero da música popular brasileira devido a sua influência nacional. O debate sobre as raízes do samba extrapola o escopo deste trabalho. É suficiente apenas assinalar, como disse Noel Rosa (1910-1937), em parceria com Vadico (1910-1962), em “Feitio de oração” (1932): “o samba na realidade não vem do morro/ Nem lá da cidade/ [...] Nasce no coração”. Quer dizer, ultrapassou os limites do mundo dos trabalhadores e dos sambistas espontâneos, majoritariamente negros e mestiços, para alcançar as camadas médias urbanas e os intérpretes profissionais, majoritariamente brancos, que desde logo, nas décadas de 1920-30, dominaram o ambiente das gravadoras e das rádios.

Os sambistas estavam implicados no contexto de mudanças na sociedade: de um lado, a expansão da industrialização e do trabalho assalariado; de outro, o avanço da centralização estatal e a definição da singularidade nacional por meio de nossas raízes culturais e institucionais.

Desde então, o samba tomou rumos variados. Cada compositor, letrista e intérprete aportaram contribuições segundo as singularidades de suas próprias trajetórias e, por meio delas, os contornos de uma cultura de classe diferenciada. Esse viés de classe constitui uma das características do que se convencionou chamar de música popular brasileira<sup>(b)</sup>.

O projeto “O trabalho e a saúde na música popular brasileira”<sup>1</sup> iniciou com uma ampla pesquisa e seleção de músicas que trazem referência ao trabalho e à saúde. As composições selecionadas foram tematizadas conforme os sentidos mais gerais das letras, sendo escolhidos os seguintes temas gerais: Processo de trabalho e saúde; Trabalho rural; Mulher e trabalho; Trabalho, profissão: a música popular

<sup>(b)</sup> Como salientamos<sup>1</sup>: “A sigla Música Popular Brasileira (MPB) aparece a partir do I Festival de Música Popular Brasileira, realizado pela TV Excelsior de São Paulo em 1965. A vitória de *Arrastão* de Vinicius de Moraes e Edu Lobo, interpretada por Elis Regina, expressa a confluência entre a bossa nova – em sua vertente original, representada por Vinicius, e a renovada, por Edu Lobo, sob a influência dos temas e motivos da Cultura Popular de caráter nacionalista (Sergio Ricardo, João do Vale, Carlos Lyra, Rui Guerra e Oduvaldo Viana Filho) – e o samba tradicional (Cartola, Zé Kéti, Ismael Silva, Paulinho da Viola, Nelson Sargento). A MPB é o resultado difuso dessas confluências notáveis já em 1963, no movimento do Centro de Cultura Popular da União Nacional de Estudantes (a música “A canção do Subdesenvolvido”, de Carlos Lyra e Chico de Assis tornou-se o “hino” da UNE) e, em 1964, no Show Opinião, realizado em parceria com o Teatro de Arena de São Paulo (texto de Oduvaldo Vianna Filho, Paulo Pontes e Armando Costa; direção geral do espetáculo de Augusto Boal; direção musical, de Dori Caymmi; apresentação de Nara Leão, João do Vale e Zé Kéti). A MPB ficou publicamente marcada na recusa aos compositores e cantores da Jovem Guarda que, com o seu *iê-iê-iê*, era tida como antinacionalista (Oliveira, 2008; Sandroni, 2004; Aggio, Barbosa, Coelho, 2002; Mello, 1998; Tinhorão, 1997).”

brasileira; Saúde Pública. Em cada música, foram identificadas categorias que, nas respectivas letras, expressassem versões acerca dos temas Trabalho e Saúde. Estas categorias foram agrupadas nos temas gerais eleitos, tomadas como ponto de partida para a realização do tratamento científico de cada um deles, apoiados na literatura existente na Saúde Coletiva/Saúde do Trabalhador e na história social da música popular brasileira.

O presente artigo explora um dos temas gerais do projeto, a saber, processo de trabalho e saúde, tendo como referência uma seleção de nove músicas. Nosso propósito é nos reapropriarmos do processo artístico nas canções, abordando-as tematicamente. É necessário sublinhar o caráter polissêmico das músicas, sujeitas a múltiplas interpretações que, além do mais, constituem objeto da escuta de diferentes públicos, aumentando a variedade de significados nos diversos contextos de recepção ao longo do tempo.

Este estudo tem por objetivo apresentar um corpo de conhecimentos concernente ao tema processo de trabalho e saúde, construído a partir da análise das músicas selecionadas.

Além de fugir ao convencional, a construção de conhecimentos a partir da música popular pode proporcionar, às atividades de ensino em saúde, um rol de conteúdos com maior abrangência e potencial para o exercício interdisciplinar. A música pode aguçar a sensibilidade de alunos e professores para aprofundar e problematizar o conhecimento científico no âmbito da Saúde Coletiva, uma vez que a linguagem expressa na canção está referida a noções, experiências, representações emanadas a partir do imaginário popular<sup>2</sup>.

Contudo, a finalidade não é ilustrar como aplicar os resultados da análise das canções na prática docente em saúde, mas sim, cabe reiterar, apresentá-los como um corpo de conhecimentos. E é nesse sentido que a exposição dos tópicos do tema processo de trabalho e saúde, com base nas canções mencionadas a seguir, incorpora a experiência do autor no ensino na Pós-Graduação em Saúde Pública.

### Canção popular e determinação social do processo saúde-doença

Começamos com a análise de "Pedreiro Waldemar" (1948), marcha composta por Wilson Batista (1913-1968) e Roberto Martins (1909-1992), sucesso na voz de Blackout, no carnaval de 1949:

Você conhece o pedreiro Waldemar?  
 Não conhece  
 Mas eu vou lhe apresentar  
 De madrugada toma o trem da Circular  
 Faz tanta casa e não tem casa pra morar.

Leva a marmitta embrulhada no jornal  
 Se tem almoço, nem sempre tem jantar  
 O Waldemar, que é mestre no ofício,  
 Constrói um edifício e depois não pode entrar.

Na canção, o tema da desigualdade econômica e social aparece por um conjunto de condições de vida dos trabalhadores, tais como: alimentação, moradia, trabalho, renda, transporte. Quatro décadas depois, essas e outras categorias são consagradas pela Lei nº 8.080, de 19 de setembro de 1990 ("Lei Orgânica da Saúde"), "como fatores determinantes e condicionantes" da saúde.

Não obstante os avanços da legislação, "Pedreiro Waldemar" possibilita problematizar seus limites e situar o direito à saúde na perspectiva da determinação social do processo saúde-doença<sup>12</sup>. Com a síntese expressa no verso "Faz tanta casa e não tem casa pra morar", o cancionista popular permite trazer à discussão a contradição fundamental em que está situada a desigualdade socioeconômica, inclusive a desigualdade em saúde, na sociedade capitalista, a saber, a contradição entre o caráter social da produção e o caráter privado da apropriação capitalista.

Em outros termos, a desigualdade das condições de vida e saúde das diferentes classes sociais está, centralmente, fundada nas relações de exploração efetivadas no processo de trabalho, unidade entre o

processo de produção imediato e o processo de circulação do capital, historicamente determinado. O conceito de exploração do trabalho exprime a relação social de produção capitalista – uma produção de mais-valia ou de mais trabalho dos trabalhadores e sua apropriação pelos capitalistas –, portanto, uma relação de luta de classes.

Neste sentido, “O samba da mais-valia” (2005), música em que Sérgio Silva<sup>(c)</sup> apresenta uma leitura de Marx, nomeia o dito em “Pedreiro Waldemar”:

Síntese de muitas determinações  
A realidade social é feita de contradições  
Mas a árvore não pode esconder o arvoredo  
Vem o grande analista, revela o segredo  
Da acumulação de Capital  
[...]  
É mais-valia pra cá, é mais-valia pra lá  
Tempo roubado do trabalho social

<sup>(c)</sup> Cabe informar que, neste caso, o compositor é sociólogo, professor da Universidade Estadual de Campinas.

Falar em exploração do trabalho é, ao mesmo tempo, falar em resistência dos trabalhadores, como diz outro trecho de “O samba da mais-valia”: Ninguém pode vencer essa luta sozinho/ É luta de classes, coração.

Nesse sentido, cabe salientar o avanço da Medicina Social latino-americana na compreensão do processo saúde-doença coletivo dos trabalhadores radicado nas práticas das classes e dos agentes sociais em luta, e não apenas nas condições de vida<sup>13</sup>. Além disso, os efeitos destas práticas expressos em valores, crenças, sentidos e significados estão implicados negativa ou positivamente no processo saúde-doença dos trabalhadores, pois integram diferentes perspectivas legitimadoras ou questionadoras das relações de exploração e dominação na sociedade<sup>12</sup>.

### “Três apitos” e algumas dimensões do processo de trabalho

Prossigamos com “Três apitos” (1933), samba de Noel Rosa (1910-1937), compositor que, em suas canções, realizou verdadeiras crônicas da vida urbana do Rio de Janeiro, com uma refinada capacidade de captar as transformações sociais operadas no seu tempo: nesta canção, a fábrica aparece como organizadora da vida social, e o *apito* de sua chaminé de barro como expressão do tempo social no capitalismo.

Quando o apito da fábrica de tecidos  
Vem ferir os meus ouvidos  
Eu me lembro de você  
[...]  
Você que atende ao apito  
De uma chaminé de barro  
Por que não atende ao grito tão aflito  
Da buzina do meu carro?

Você no inverno  
Sem meias vai pro trabalho  
Não faz fé com agasalho  
Nem no frio você crê

Mas você é mesmo  
Artigo que não se imita  
Quando a fábrica apita  
Faz reclame de você

<sup>(c)</sup> De acordo com João Máximo e Carlos Didier,<sup>14</sup> a fábrica Confiança, situada aproximadamente a quatrocentos metros da casa de Noel, apitava nove vezes ao dia, e não três. Para os autores, o título faz alusão aos apitos que soavam pela manhã: o primeiro, às quinze para as seis da manhã, para despertar os operários da vizinhança; o segundo, às sete, para indicar a hora da entrada; e, o terceiro, às quinze para as oito, para os operários atrasados.

<sup>(d)</sup> Conforme o Dicionário Novo Aurélio, o sentido para reclame (do francês *réclame*), de maior uso no Brasil, é relativo à publicidade. Mas, outro significado apontado é o de: "instrumento que o caçador usa para imitar o canto das aves que deseja atrair, pio"<sup>15</sup>.

O apito da fábrica<sup>(c)</sup> insistentemente exige a submissão do tempo de reprodução da vida da operária e dos não-operários (como Noel) à disciplina do tempo de trabalho e do tempo de circulação, ambos implicados nos ciclos de reprodução ampliada do capital. Esse clamor despótico do capital para dispor do tempo da operária, um tempo que ela não pode dedicar a Noel, como se queixa o poeta, nos permite associar o reclame da operária disseminado pelo apito da fábrica ao assobio emitido por caçadores para atrair sua presa<sup>(d)</sup>.

Ao tratar do tempo de trabalho, é importante atentar para diferentes mas correlatas dimensões da jornada de trabalho: 1) como grandeza extensiva do trabalho, expressa, por sua duração, a quantidade de horas de trabalho diária, semanal, mensal ou, mesmo, anual; 2) por sua distribuição, designa em que momento, quando e em que horário o trabalho é realizado, por exemplo, o trabalho em turnos ou as modalidades de compensação de horas, como o banco de horas; 3) como grandeza intensiva do trabalho, sua densidade, o preenchimento mais ou menos denso dos "poros" da jornada de trabalho. Como assinalam Pina e Stotz<sup>16</sup>:

A metáfora da porosidade dá a ideia simultaneamente física/abstrata, e biopsíquica/concreta, de que a jornada de trabalho tem densidade, compreende continuidades/descontinuidades e também aberturas/fechamentos: por meio dos 'poros', o trabalhador 'respira na ação', no tempo em que trabalha, torna-o mais ou menos denso.

Noel, elegantemente, chama sua amada de *artigo*, ou seja, observa sua conversão em força de trabalho. Na relação social de produção capitalista, os trabalhadores assalariados estão subsumidos ao capital como mercadoria (*artigo*). Mas, uma mercadoria especial, pela condição "histórico e moral"<sup>17</sup> do trabalhador no processo de trabalho em dada formação econômico-social capitalista. No Brasil, os salários pagos a parcelas consideráveis da classe trabalhadora, muitas vezes, estão abaixo do valor necessário para sua reprodução, como vimos em "Pedreiro Waldemar", *se tem almoço, nem sempre tem jantar*. Tanto mais entre as mulheres, como em "Três apitos", a operária *sem meias vai pro trabalho*.

Além de olhar para a capacidade de consumo dos salários, deve-se, especialmente, observar as modalidades de remuneração associadas a determinadas práticas gerenciais, visto sua implicação para o consumo produtivo da força de trabalho no processo de trabalho. Por exemplo, o pagamento por produção constrange os trabalhadores a longas e extenuantes jornadas, e está na determinação social das mortes por excesso de trabalho entre os cortadores de cana-de-açúcar do Complexo Agroindustrial Canavieiro no estado de São Paulo<sup>18</sup>.

Por sinal, Noel, ainda em "Três apitos", como podemos perceber nos versos a seguir, assinala a existência de um "gerente", isto é, lembra-nos da estruturação hierárquica do processo de trabalho:

Nos meus olhos você vê  
Que eu sofro cruelmente  
Com ciúmes do gerente impertinente  
Que dá ordens a você

Trata-se do desenvolvimento da divisão do trabalho: a relação de produção capitalista, além de consagrar a separação dos trabalhadores dos meios de produção e dos meios de subsistência necessários à sua reprodução, efetiva a separação entre propriedade legal e posse dos meios de produção. A posse desses meios de produção pode e é delegada pelos capitalistas aos administradores das empresas que, em condições históricas determinadas, estabelecem o sistema de organização da produção e do trabalho. Aqui fazemos uma distinção entre administração ou gestão e organização da produção e do trabalho.

Antes de tudo, Taylor<sup>19</sup> instituiu as bases do desenvolvimento da administração ou gestão das empresas, isto é, a administração como uma “lógica, um conjunto de princípios de ação apresentados como racionalmente fundados, reputados por otimizar a utilização dos recursos para economizar e/ou acumular capital”<sup>20</sup>. Ou, nas palavras de Taylor<sup>19</sup>, “certos princípios gerais [...] aplicável de muitos modos”, por ele assim sintetizados: o desenvolvimento de uma ciência do trabalho; a cooperação cordial entre a gerência e os trabalhadores; e a seleção científica do trabalhador, sua instrução e treinamento. Neste último ponto, registra-se a incorporação dos serviços médicos das empresas no processo de seleção e controle da força de trabalho, voltados para: reduzir e controlar o absenteísmo; obter o retorno mais rápido do trabalhador à atividade produtiva; assegurar a produtividade; manter os trabalhadores na empresa, em razão da competição entre empresas; e obter a maior identificação do trabalhador com a empresa. Inclui-se pela relação de complementaridade entre os serviços médicos das empresas e os planos privados de saúde por elas contratados para atender os trabalhadores e/ou seus familiares<sup>21</sup>.

O desenvolvimento de um conjunto de “princípios” de administração pode estruturar diferentes sistemas de organização da produção e do trabalho (Taylorismo, Fordismo e Toyotismo), considerados pela eficácia e pelo predomínio da gestão na condução do processo de trabalho de modo a viabilizar a valorização do capital. Cada um desses sistemas emerge em condições históricas concretas e se projeta como “modelo” de organização da produção que, supostamente, representaria a identidade de interesses entre capitalistas e trabalhadores. Isto é, se converte em “ideologia organizacional”<sup>22</sup> para enquadrar a diversidade de experiências ambíguas e contraditórias presentes no processo de trabalho.

Atualmente, a administração por estresse<sup>23</sup> atualiza a “administração científica” ao enfrentar um problema central à prática gerencial, o de como expropriar o conhecimento prático do trabalhador e, ao mesmo tempo, empreender sua mobilização produtiva. Segundo esses autores, a “lógica” da administração por estresse consiste em manter a pressão permanente sobre os trabalhadores, para que os “problemas” tornem-se visíveis para a gerência superior. Além de tentar evitar ou reduzir as “folgas” que os trabalhadores conseguem criar para si na jornada, a manutenção do estresse como instrumento de gestão permite, à gerência, descobrir os “gargalos” e desenvolver mais rapidamente possíveis inovações no processo de trabalho, reduzir custos e perdas ao criar pressão adicional sobre os trabalhadores para sua correção.

Trata-se de um esforço na direção da “prescrição da subjetividade individual e coletiva dos assalariados”<sup>24</sup> na tentativa de suprimir deles o direito ao distanciamento em relação à racionalidade, à norma e à cultura da empresa. Nesse sentido, a evolução da administração nas empresas caminhou mais na direção de desenvolver dispositivos gerenciais para obter a disponibilidade e a mobilização subjetiva do trabalhador do que na prescrição (gestual) da tarefa. Cabe salientar a implicação das práticas de gestão para a saúde dos trabalhadores, manifesta (entre outras) em violência simbólica<sup>20</sup> ou sofrimento<sup>25</sup>.

Outra dimensão da divisão do trabalho, também expressa em “Três apitos”, a saber, a operária que *faz pano* e o poeta que *faz versos junto do piano*, permite-nos trazer à baila uma importante característica – a divisão entre o trabalho intelectual e o trabalho manual.

Mas você não sabe  
Que enquanto você faz pano  
Faço junto do piano  
Estes versos prá você

As forças intelectuais estão incorporadas no processo de produção como capital (nas tecnologias e nos meios de trabalho, na matéria-prima e matérias auxiliares ou nos métodos de organização do trabalho) e, deste modo, confrontam o trabalhador no exercício cotidiano de sua atividade laboral.



## “Dias de Santos e Silvas” e o processo de desgaste do trabalhador

Se o tempo de trabalho deve ser considerado por sua extensão, distribuição e intensidade, ele também é, para o trabalhador, uma vivência cotidiana, inclusive, do tempo de não-trabalho fora da jornada, uma vez que a percepção do tempo de trabalho absorve todo o dia<sup>26</sup>. É o que sugere o samba “Dias de Santos e Silvas” (1977), de Gonzaguinha (1945-1991), ao descrever o itinerário de um dia inteiro dos trabalhadores. Essa canção permite trazer à discussão os conceitos de carga de trabalho e de desgaste, para se compreender o modo específico de trabalhar-desgastar-se nos limites da reprodução social de determinada coletividade de trabalhadores. Vejamos seus versos iniciais:

O dia subiu sobre a cidade  
Que acorda e se põe em movimento  
Um despertador bem barulhento  
Badala, bem dentro, em meu ouvido

Levanto, engulo o meu café  
Corro e tomo a condução  
Que, como sempre, vem cheia,  
Anda, para e me chateia

Está quente pra chuchu,  
Meu calo dói,  
A certeza já me rói,  
Levo bronca do patrão

Os versos enunciam a presença de diferentes cargas de trabalho: desde cargas físicas, por exemplo, temperatura (*está quente*), até cargas psíquicas (*Levo bronca*). Laurell e Noriega<sup>27</sup> denominam carga de trabalho os elementos que “interatuam dinamicamente entre si e com o corpo do trabalhador” e sintetizam a mediação entre o processo de trabalho e o desgaste do trabalhador. As cargas de trabalho (física, química, biológica, fisiológica, ergonômica, psíquica) são pensadas na interação que estabelecem entre si, e não consideradas isoladamente. Por exemplo: *Está quente* também pode desencadear irritabilidade e, portanto, integra os elementos da carga psíquica, e não, exclusivamente, a carga física.

Cabe dizer, uma interação dinâmica das cargas originárias da situação concreta do processo de trabalho em distintos ambientes: a fábrica, o escritório, a escola, o hospital, ou a rua – a rua como locus do processo de trabalho, como sugerem outros versos da composição de Gonzaguinha: “A tarde transcorre calma e quente/ Nas ruas, ao sol, fervilha gente/ Batalham, como eu, o leite e o pão”. Também pelas cargas provenientes do longo e fatigante tempo de deslocamentos residência – trabalho – residência, marcadamente um elemento de tensão social implicado, inclusive, nos processos de seleção (admissão e demissão) de trabalhadores pelas empresas. É o que sugere o samba “O trem atrasou” (1941), de Artur Vilarinho, Estanislau Silva e Francisco da Silva Fárrea Júnior, o Paquito (1915-1975):

Patrão, o trem atrasou  
Por isso estou chegando agora  
Trago aqui um memorando da Central  
O trem atrasou, meia hora  
O senhor não tem razão  
Pra me mandar embora!

O processo de valorização dos espaços urbanos e de concentração imobiliária pressiona, desigualmente, a população trabalhadora para as periferias das cidades, regiões marcadamente com precárias condições sanitárias: de saneamento, moradia e transporte, entre outras, como expresso em

“Pedreiro Waldemar”, “Dias de Santos e Silvas” e “O trem atrasou”, na determinação social do desgaste do trabalhador.

Na sequência, trazemos outros versos de “Dias de Santos e Silvas”, como salientamos, justamente, para pensar o processo de desgaste do trabalhador:

A noite desceu sobre a cidade  
Nas filas, calor suor cansaço  
Meu corpo está que é só bagaço  
E se está de pé é de teimoso

Desgaste é “entendido como a perda da capacidade potencial e/ou efetiva corporal e psíquica”<sup>27</sup>. Como processo dinâmico, desgaste compreende uma diversidade de manifestações corpóreas e psíquicas (por exemplo, *cansaço*), pode ou não expressar-se em uma doença, e não se refere, necessariamente, a processos irreversíveis.

Além disso, a noção de desgaste designa processos coletivos. Quer dizer, assinala as características básicas de uma determinada coletividade de trabalhadores em que se assentam as variações individuais. O verso *Nas filas, calor suor cansaço* sugere a manifestação do desgaste vivenciada pelo coletivo de trabalhadores, enquanto *Meu corpo está que é só bagaço* indica a forma como esse desgaste se expressa em determinado indivíduo.

No entanto, como salienta Pina<sup>28</sup>, a abordagem desgaste-reprodução<sup>27</sup> encontra limites teórico-metodológicos. A noção de carga de trabalho está marcada pelas ideias de Gardell, uma das referências teóricas do modelo demanda-controle (D-C) de investigação do estresse no trabalho. Por exemplo, Laurell e Noriega<sup>27</sup> admitem que “se pode suportar altos ritmos de trabalho sem maiores problemas enquanto a tarefa permite a tomada de decisões”. Isso corresponderia ao denominado “trabalho ativo” do modelo D-C, perfil do trabalhador preconizado pela administração por estresse, a saber, o desenvolvimento de competências para trabalhar sob pressão<sup>16</sup>.

Com efeito, as transformações negativas no corpo do trabalhador, traduzidas em processo de desgaste, não são desencadeadas pela expressão direta e mecânica das cargas ou das exigências. No processo de trabalho, antes de tudo, as exigências confrontam a capacidade individual e coletiva do trabalhador para agir em direção diferente a racionalidade, cultura e dos valores preconizados pela administração das empresas. Essa questão, é bom esclarecer, extrapola os contornos da clássica distinção pela ergonomia da atividade entre trabalho prescrito e trabalho real. Ela se aproxima mais da história coletiva dos trabalhadores implicada na ação dos indivíduos no trabalho, como observa Clot<sup>29</sup>, na esteira de Oddone, numa passagem que merece ser transcrita:

a atividade individual encontra seus recursos em uma história coletiva que detém, capitaliza, valida ou invalida as estratégias [que] dizem respeito às relações com as tarefas, às relações com os colegas de trabalho, com a hierarquia ou, ainda, com a organização do mundo do trabalho.<sup>29</sup>

Para esse autor, a perda, a ausência ou o enfraquecimento da dimensão coletiva na ação individual pode ser o fundamento da maioria das experiências de penosidade no trabalho atualmente suportadas pelos trabalhadores.

### **“Construção”: acidente ou suicídio, a dialética entre vida e morte no cotidiano dos trabalhadores**

Como vimos, o processo de trabalho constitui a unidade de análise central na determinação social e histórica dos agravos à saúde dos trabalhadores, manifesto em: desgaste, sofrimento, danos, acidentes de trabalho, doenças. Observamos, a seguir, apenas a título de ilustração, o caso dos acidentes de trabalho: não são eventos fortuitos, mas socialmente determinados. Todavia, tem sido prática hegemônica imputar a culpa (dos acidentes e das doenças) aos próprios trabalhadores, atribuindo-lhes a



ignorância, a negligência, ou ao “ato inseguro”<sup>30</sup>. “Construção” (1971), música de Chico Buarque, suscita essa reflexão, inclusive pela ambiguidade de sentidos: foi suicídio ou acidente a morte do operário da construção civil?

Amou daquela vez como se fosse a última  
 Beijou sua mulher como se fosse a última  
 E cada filho seu como se fosse o único  
 E atravessou a rua com seu passo tímido  
 Subiu a construção como se fosse máquina  
 Ergueu no patamar quatro paredes sólidas  
 Tijolo com tijolo num desenho mágico  
 Seus olhos embotados de cimento e lágrima  
 Sentou prá descansar como se fosse sábado  
 Comeu feijão com arroz como se fosse um príncipe  
 Bebeu e soluçou como se fosse um náufrago  
 Dançou e gargalhou como se ouvisse música  
 E tropeçou no céu como se fosse um bêbado  
 E flutuou no ar como se fosse um pássaro  
 E se acabou no chão feito um pacote flácido  
 Agonizou no meio do passeio público  
 Morreu na contramão atrapalhando o tráfego...  
 [...]  
 Morreu na contramão atrapalhando o público...  
 [...]  
 Morreu na contramão atrapalhando o sábado...

Gravada no momento de apogeu do chamado “milagre brasileiro”, essa canção de Chico Buarque, ainda hoje, lança luz sobre a situação desumanizada dos operários da construção, por exemplo, nas grandes obras (hidrelétricas, petroquímica, estradas, portos, conjuntos habitacionais), em seus movimentos monótonos, mecânicos e de afetividade reprimida.

Mas, a ambiguidade referida em “Construção” pode ser relativizada, uma vez que a interpretação de suicídio do operário não pode ocultar o fato de sua ocorrência no local de trabalho.

De acordo com Marcos Napolitano<sup>31</sup>, em “Construção”, paradoxalmente, a morte interrompe um cotidiano de não-tempo vivenciado pelo operário, um tempo homogêneo, sem qualidade e sem utopia. De outro modo, trata-se da natureza contraditória, vista da perspectiva dos trabalhadores, a luta entre tempo e não-tempo no processo de trabalho. De um lado, o não-tempo (*Subiu a construção/ Como se fosse máquina*), um eterno vazio; de outro, o tempo (*sentou prá descansar.../ Comeu feijão com arroz.../ Bebeu e soluçou.../ Dançou e gargalhou...*), pequenos mas sublimes momentos em que existe acontecimento.

Essa luta entre tempo e não-tempo expressa a dialética entre vida e morte no cotidiano dos trabalhadores. Vista da perspectiva do processo saúde-doença dos trabalhadores, a gravidade do acidente de trabalho fatal (ou do suicídio) manifesta uma fratura exposta pelo processo de exploração, todavia, apenas a ponta do iceberg. Mesmo os elevados números de acidentes de trabalho registrados não refletem a realidade, que é ainda mais grave. Estudo epidemiológico de amostragem domiciliar realizado por Binder e Cordeiro<sup>32</sup>, na cidade de Botucatu, estado de São Paulo, mostrou que apenas 22,4% dos acidentes de trabalho ocorridos na população, em 1997, foram registrados pela Previdência Social.

Isso não se explica apenas pela subnotificação e pela não-inclusão, nessa base de dados, dos trabalhadores do setor informal e dos servidores públicos. A lógica de seguradora da Previdência Social e da medicina dominante, especialmente na Perícia Médica do Instituto Nacional do Seguro Social (INSS), exclui o reconhecimento de diversas doenças relacionadas ao trabalho. Entre os médicos peritos, difundem-se interpretações de que os trabalhadores são mal-intencionados e simulam incapacidades

para receber os benefícios previdenciários. Como assinalou Maria Maeno<sup>33</sup>, os promotores do 3º Congresso Brasileiro de Perícia Previdenciária, realizado em abril de 2011, sem acanhamento, ressaltaram o tema “Desafios do exame médico pericial: (simulação, metassimulação, dissimulação, técnicas semióticas: como identificar a simulação? O que fazer em casos de simulação?)”.

As informações previdenciárias captam somente o desgaste em termos de danos à saúde já consumados, mesmo assim apenas parcialmente. Uma diversidade de queixas de mal-estar e expressões de dor referidas pelos trabalhadores – como, por exemplo, dor de cabeça ou no corpo, insônia, sintomas gástricos, nervosismo ou crises de choro, falta de concentração – são, dificilmente, enquadradas pelos critérios diagnósticos e terapêuticos da medicina dominante. A sensibilidade para perceber essas múltiplas manifestações de sofrimento está sugerida em “Obrigado Doutor” (1949), composição de Antonio Nássara (1910-1996) e Roberto Martins (1909-1992):

Obrigado Doutor,  
Minha vida eu devo ao senhor,  
Ao senhor por me haver receitado,  
Muito vinho, dinheiro e amor,  
Minha vida hoje em dia tem mais sabor,  
Obrigado, obrigado doutor.

Ai, doutor,  
Penicilina não resolve o mal de amor,  
Nem vitamina dava jeito à minha dor,  
A medicina não me ajudou,  
Ai, doutor,  
Sua receita foi minha salvação,  
Eu precisava alegrar meu coração,  
E felizmente o senhor acertou,  
Obrigado Doutor...

“Obrigado doutor” chama atenção sobre a importância, decisiva, de que os profissionais de saúde reconheçam, nas expressões de dor, um processo que envolve questões eminentemente sociais e a pessoa do trabalhador em sua integralidade. Muitas manifestações de sofrimento relacionado ao trabalho, em boa medida difusas, se exprimem em problemas de saúde e requisitam a intervenção da Saúde Pública. Tanto mais pelo enfraquecimento dos coletivos dos trabalhadores para pautar essas questões no âmbito social e político, isto é, da relação de força no enfrentamento da exploração e da dominação.

A noção de sofrimento difuso, segundo Fonseca<sup>34</sup>, designa uma diversidade de manifestações de mal-estar e de queixas inespecíficas, sinais e sintomas bastante variados quanto à forma, magnitude, tempo e espaço em que se manifestam e são percebidos pelos trabalhadores, contudo, dificilmente encaixadas pelas entidades nosológicas da clínica médica ou da psiquiatria clássica. Por conseguinte, a compreensão dessa noção pode auxiliar os profissionais da Saúde Pública nas ações de investigações e de atenção (assistência e vigilância) integral à saúde dos trabalhadores.

### **Samba e dimensão coletiva no enfrentamento das penosidades do trabalho**

Além da precária condição de trabalho e saúde vivenciada pelos trabalhadores, nas canções da música popular brasileira também é possível ver retratada a perspectiva de sua superação ou a possibilidade de sua *redenção*, como expresso em outros versos de “Dias de Santos e Silva”:

Aumenta tudo, aumenta o trem  
Aumenta o aluguel e a carne também  
[...]

Ah, meu Deus,  
Se o avestruz der na cabeça  
Vou ganhar dinheiro à beça,  
Faço minha redenção

E vou lá dentro,  
No escritório do patrão  
Peço aumento, ele não dá,  
Mostro a grana e a demissão

*Redenção* significa aí livrar-se, ainda que de forma individual, da condição de pobreza dos trabalhadores, da carestia e do *patrão*.

"Sorriso negro", samba de Adilson Barbado, Jair de Carvalho e Jorge da Portela, eternizado na voz de Dona Ivone Lara, também resgata a redenção, agora, vista em sua dimensão coletiva, ao celebrar a felicidade e a negritude do trabalhador no enfrentamento do desassossego, por isso, *é a raiz da liberdade*.

Um sorriso negro, um abraço negro  
Traz felicidade  
Negro sem emprego, fica sem sossego  
Negro é a raiz da liberdade

Na canção, *liberdade* emerge da solidariedade, manifesta em *sorriso, abraço e felicidade*. Quer dizer, exprimem a capacidade de os trabalhadores compartilharem valores emanados da reflexão coletiva que fazem de suas experiências, com a tomada de posição política e sanitária no enfrentamento das penosidades do trabalho.

Em "A voz do povo", João do Vale (1933-1996) nos diz:

Meu samba é a voz do povo  
Se alguém gostou  
Eu posso cantar de novo

Eu fui pedir aumento ao patrão  
Fui piorar minha situação  
O meu nome foi pra lista  
Na mesma hora  
Dos que iam ser mandados embora

Os versos de "A voz do povo" sugerem entender a organização coletiva dos trabalhadores, inclusive na luta pela direito à saúde, como um caminho acidentado, repleto de embates e forças, movido pelas contradições sociais do próprio processo de desenvolvimento e transformação do capitalismo.

Trata-se de um processo situado na história, portanto, não linear, com avanços e recuos, inclusive no que concerne à fragilidade do sistema de proteção social no Brasil para o reconhecimento efetivo, e não apenas formal, dos direitos dos trabalhadores. Ainda persistem práticas decorrentes da representação social que associa trabalhador desempregado a "vadiagem": em 2009, para consultar o andamento da solicitação do seguro-desemprego na página da internet do Ministério do Trabalho e Emprego, o trabalhador deveria digitar a palavra que se formava na tela a sua frente. Uma dessas palavras era – nada menos que – "vagabundo"<sup>35</sup>.

Talvez, por isso, João do Vale, genial compositor, poeta popular, negro, natural de Pedreira, no Maranhão, sabia da necessidade de perseverar, e insistia em *cantar de novo*. Neste sentido, continuamos com os versos de "A voz do povo":

Eu sou a flô que o vento jogou no chão  
Mas ficou um galho  
Pra outra flô brotar  
A minha flô o vento pode levar  
Mas o meu perfume fica boiando no ar

As experiências, quando refletidas coletivamente, propiciam o enraizamento de conhecimentos pelos trabalhadores e pelos profissionais de saúde. Especialmente quando a conquista dos ensinamentos da prática profissional se entrelaça à conquista da *dimensão da poesia*, no sentido conferido por Vinicius de Moraes no poema "Operário em construção".

### Considerações finais

Com o desenvolvimento deste artigo, podemos perceber que trabalho e saúde têm significativa presença na música popular brasileira, afirmando-se tanto na dimensão da alegria quanto da tristeza, da festa e/ou da crítica, além de proporcionar o estudo do processo de trabalho na determinação social e histórica do processo saúde-doença dos trabalhadores.

Esta pesquisa resultou na valorização e incorporação da música popular brasileira, especialmente do samba, na construção de conhecimentos científicos, pois, como disse João do Vale, em parceria com Luiz Vieira, em "Na asa do vento": *A ciência da abeia, da aranha e a minha/ Muita gente desconhece*. Particularmente, por apresentar um corpo de conhecimentos sobre o tema processo de trabalho e saúde. Com efeito, a possibilidade de esses conteúdos contribuírem com a atividade de ensino na Saúde Pública pode ser inferida, mas não foi nosso propósito discutir como aplicá-los na prática docente.

Certamente, esperamos instigar a exploração das possibilidades da música popular como uma forma de entender, entre outras, a temática das relações trabalho e saúde. Portanto, suscitar o interesse pela investigação, por professores e alunos dos cursos em Saúde Pública, do verdadeiro manancial da música popular brasileira, em sua pluralidade de expressões, para desenvolver conhecimento em saúde.

### Referências

1. Mattos RCOC, Stotz EN, Pina JA, Pugliesi MV, Almeida MG, Mattos JGOC. O trabalho e a saúde na música popular brasileira [relatório de pesquisa]. Rio de Janeiro: Escola Nacional de Saúde Pública, Fundação Oswaldo Cruz; 2011.
2. Abud KM. Registro e representação do cotidiano: a música popular na aula de História. Cad Cedes. 2005; 25(67):309-17.
3. Rodrigues E. Nas regras da arte: o Direito e as letras de samba [Internet]. 2003 [acesso 2013 Abr 20]. Disponível em: <http://www.samba-choro.com.br/debates/1050388933>
4. Moraes JGV. História e música: canção popular e conhecimento histórico. Rev Bras Hist. 2000; 20(39):203-21.
5. Gombrich EH. A História da Arte. 15a ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan; 1993.
6. Tapajos R. A introdução das artes nos currículos médicos. Interface (Botucatu). 2002; 6(10):27-36.

7. Ravelli APX. A inserção da música do ensino superior de enfermagem: um relato de experiência. *Cienc Cuid Saude*. 2005; 4(2):177-81.
8. Moreira IC, Massarani L. (En)canto científico: temas de ciência em letras da música popular brasileira. *Hist Cienc Saude - Manguinhos*. 2006; 13 Supl:291-307.
9. Matos MIS. 'Saudosa Maloca' vai à escola. *Nossa Hist*. 2006; 3(32):80-2.
10. Sandroni C. Adeus à MPB. In: Starling H, Cavalcanti B, Eisenberg J, organizadores. *Decantando a República*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; 2004. v. 1. p.23-36.
11. Tinhorão JR. *Pequena história da música popular: da modinha à canção de protesto*. Petrópolis: Vozes; 1974.
12. Breilh J. Las tres 'S' de la determinación de la vida: 10 tesis hacia una visión crítica de la determinación social de la vida y la salud. In: Nogueira RP, organizador. *Determinação social da saúde e reforma sanitária [Internet]*. Rio de Janeiro: Centro Brasileiro de Estudos de Saúde; 2010 [acesso 2013 Maio 20]. p. 87-125. Disponível em: <http://www.cebes.org.br/media/File/Determinacao.pdf>
13. Laurell AC. Saúde e trabalho: os enfoques teóricos. In: Nunes ED, organizador. *As Ciências Sociais em Saúde na América Latina: tendências e perspectivas*. Brasília: OPAS; 1985. p. 255-72.
14. Máximo J, Didier C. *Noel Rosa: uma biografia*. Brasília: UnB; 1990.
15. Ferreira ABH. *Novo Aurélio século XXI: o dicionário da língua portuguesa*. 3a ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; 1999.
16. Pina JA, Stotz EN. Participação nos lucros ou resultados e banco de horas: intensidade do trabalho e desgaste operário. *Rev Bras Saude Ocup*. 2011; 36(123):162-76.
17. Marx K. *O capital: crítica da economia política*. São Paulo: Abril Cultural; 1983. v. 1, t. 1.
18. Alves F. Por que morrem os cortadores de cana? *Saude Soc*. 2006; 15(3):90-8.
19. Taylor FW. *Princípios de administração científica*. 6a ed. São Paulo: Atlas; 1966.
20. Metzger JL, Maugeri S, Benedetto-Meyer M. Predomínio da gestão e violência simbólica. *Rev Bras Saude Ocup*. 2012; 37(126):225-42.
21. Oliveira J, Teixeira SF. Medicina de grupo: a medicina e a fábrica. In: Guimarães R, organizador. *Saúde e medicina no Brasil*. Rio de Janeiro: Graal; 1978. p. 181-205.
22. Zilbovicius M. Modelos de produção e produção de modelos. In: Arbix G, Zilbovicius M, organizadores. *De JK a FHC: a reinvenção dos carros*. São Paulo: Scritta; 1997. p. 285-326.
23. Parker M, Slaughter J. Unions and management by stress. In: Babson S, organizador. *Lean work: empowerment and exploitation in the global auto industry*. Detroit: Wayne State University Press; 1995. p. 41-53.
24. Linhart D. *A desmedida do capital*. Rio de Janeiro: Boitempo; 2007.
25. Dejours C. *A loucura do trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho*. 5a ed. São Paulo: Cortez-Oboré; 1992.
26. Cardoso ACM. Os trabalhadores e suas vivências cotidianas: dos tempos de trabalho e de não-trabalho. *Rev Bras Cienc Soc*. 2010; 25(72):101-77.
27. Laurell AC, Noriega M. *Processo de produção e saúde: trabalho e desgaste operário*. São Paulo: Hucitec; 1989.

28. Pina JA. Intensificação do trabalho e saúde dos trabalhadores na indústria automobilística: estudo de caso na Mercedes Benz do Brasil, São Bernardo do Campo [tese]. Rio de Janeiro: Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca, Fundação Oswaldo Cruz; 2012.
29. Clot Y. Trabalho e poder de agir. Belo Horizonte: FabreFactum; 2010.
30. Almeida IM. Trajetória da análise de acidentes: o paradigma tradicional e os primórdios da ampliação da análise. *Interface (Botucatu)*. 2006; 10(19):185-202.
31. Napolitano M. 'Hoje preciso refletir um pouco': ser social e tempo histórico na obra de Chico Buarque de Hollanda, 1971/1978. *História*. 2003; 22(1):115-34.
32. Binder MCP, Cordeiro R. Sub-registro de acidentes do trabalho em localidade do Estado de São Paulo, 1997. *Rev Saude Publica*. 2003; 37(4):409-16.
33. Maeno M. LER e transtornos psíquicos relacionados ao trabalho: facas de uma mesma moeda. In: Sznelwar LI, organizador. *Saúde dos bancários*. São Paulo: Publisher Brasil, Editora Gráfica Atitude; 2011. p. 207-30.
34. Fonseca MLG. Sofrimento difuso, transtornos mentais comuns e problemas de nervos: uma revisão bibliográfica a respeito das expressões de mal-estar nas classes populares [dissertação]. Rio de Janeiro: Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca, Fundação Oswaldo Cruz; 2007.
35. Câmara J. No site do ministério, desempregado vira 'vagabundo'. *O Globo*. 2009 Jul 16. p. 28.

Pina JA. La música popular brasileña en la construcción del conocimiento en Salud Pública: el tema proceso de trabajo y salud. *Interface (Botucatu)*. 2014; 18(48):87-100.

Este estudio subraya cuestiones relativas al trabajo y a la salud en la música popular brasileña, especialmente en la samba. Su objetivo es presentar un cuerpo de conocimientos sobre el tema proceso de trabajo y salud. En las canciones seleccionadas se identificaron categorías tomadas como punto de partida para discusión con la literatura. Con el desarrollo del texto, se percibe el manantial de la canción popular para proporcionar contenidos sobre múltiples dimensiones del proceso de trabajo y del proceso salud-enfermedad de los trabajadores, incluso la dimensión colectiva e histórica de la lucha por el derecho a la salud. El resultado de esta encuesta fue la valorización de la música popular brasileña como una manera de entender las relaciones trabajo-salud y de desarrollar conocimiento en Salud Colectiva.

*Palabras-clave:* Salud Publica. Proceso de trabajo y salud. Música popular brasileña. Samba.

Recebido em 07/06/13. Aprovado em 03/11/13.